



## EPISTEMICÍDIO, ENSINO DE CIÊNCIAS E A OBRA “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

 **Ivanderon Pereira da Silva**

Doutor em Educação  
Universidade Federal de Alagoas – Ufal.  
Arapiraca, Alagoas – Brasil.  
[ivanderon.silva@arapiraca.ufal.br](mailto:ivanderon.silva@arapiraca.ufal.br)

 **Jenner Barretto Bastos Filho**

Doutor em Física Teórica  
Universidade Federal de Alagoas – Ufal.  
Maceió, Alagoas – Brasil.  
[jenner@fis.ufal.br](mailto:jenner@fis.ufal.br)

 **Leila Kely dos Santos da Paz**

Mestra em Ensino de Ciências e Matemática  
Universidade Federal de Alagoas – Ufal.  
Maceió, Alagoas – Brasil.  
[leilakelyp@gmail.com](mailto:leilakelyp@gmail.com)

**Resumo:** Este estudo aponta potencialidades didáticas para um Ensino de Ciências da Natureza antirracista, antissexista e anticapitalista, a partir da narrativa e Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Trata-se de um ensaio que busca suscitar a possibilidade do desenvolvimento de projetos de Ensino de Ciências Naturais. A ausência de autores e principalmente de autoras negras evocadas no campo do Ensino de Ciências é sintomático de uma sociedade racista, assassina e suicidária. Ao que parece não foi o bastante produzir e continuar produzindo o genocídio dos povos racializados, sobretudo os povos negros e os povos originários das Américas. Aos interesses colonialistas dos países imperialistas, quando não é possível ocidentalizar, é necessário produzir, sistematicamente, o assassinato dos saberes desses povos. Aniquilar os corpos e o espírito dos povos racializados é uma estratégia do necropoder daqueles que são soberanos na sociedade capitalista. O que observamos é que o racismo e o sexismo não são patologias sociais ou desvios de comportamento individuais. São ideologias estruturantes e estruturadas, a partir da modernidade, no contexto ocidental, no modo de produção capitalista. Deste modo, a reprodução do capitalismo necessita da reprodução do racismo e do sexismo. Não há como superar radicalmente o racismo ou o sexismo sem que se supere radicalmente o capitalismo.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Ensino de ciências; Epistemicídio.

**Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)**

SILVA, Ivanderon Pereira da; BASTOS FILHO, Jenner Barretto; PAZ, Leila Kely dos Santos da. Epistemicídio, ensino de ciências e a obra “quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 68, p. 1-19, e24602, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n68.24602>



***EPISTEMICIDE, SCIENCE TEACHING AND THE WORK “EMPLOYMENT ROOM: DIARY OF A FAVELADA” BY CAROLINA MARIA DE JESUS***

**Abstract:** We explore didactic potentialities for an anti-racist, anti-sexist and anti-capitalist teaching of Natural Science based on the book by Carolina Maria de Jesus intitled “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. This is an essay that seeks to raise the possibility of developing Natural Science Teaching projects. The absence of authors and especially black woman authors mentioned in the field of Science Teaching is symptomatic of a racist, murderous and suicidal society. This pointed out absence seems to be not enough to produce the genocide of racialized peoples, especially black peoples and peoples originating from the Americas. For the colonialist interests of the imperialist countries, when it is not possible to westernize, it is necessary to systematically produce the murder of the knowledge of these peoples. Annihilating the bodies and spirits of racialized peoples is a necropower strategy of those who are sovereign in capitalist society. What we observe is that racism and sexism are not social pathologies or individual behavioral deviations. They are structuring and structured ideologies, based on modernity, in the western context, in the capitalist mode of production. Thus, the reproduction of capitalism necessarily requires the reproduction of racism and sexism. There is no way to radically overcome racism or sexism without radically overcoming capitalism.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus; Science teaching; Epistemicide.

***EPISTEMICIDIO, ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS Y LA OBRA “CUARTO DE EMPLEO: DIARIO DE UNA FAVELADA” DE CAROLINA MARIA DE JESUS***

**Resumen:** Este estudio apunta potencialidades didácticas para una Enseñanza de las Ciencias Naturales antirracista, antisexista y anticapitalista, a partir de la narrativa y de Carolina María de Jesús en “Quarto de Despejo: diario de una favelada”. Este es un ensayo que busca plantear la posibilidad de desarrollar proyectos de Enseñanza de las Ciencias Naturales. La ausencia de autores y especialmente de autores negros mencionados en el campo de la Enseñanza de las Ciencias es sintomática de una sociedad racista, asesina y suicida. Aparentemente no fue suficiente para producir y seguir produciendo el genocidio de los pueblos racializados, en especial de los pueblos negros y originarios de las Américas. Por los intereses colonialistas de los países imperialistas, cuando no es posible occidentalizarse, es necesario producir sistemáticamente el asesinato del saber de estos pueblos. Aniquilar los cuerpos y espíritus de los pueblos racializados es una estrategia de necropoder de quienes son soberanos en la sociedad capitalista. Lo que observamos es que el racismo y el sexismo no son patologías sociales ni desviaciones conductuales individuales. Son ideologías estructurantes y estructuradas, basadas en la modernidad, en el contexto occidental, en el modo de producción capitalista. Así, la reproducción del capitalismo necesariamente requiere la reproducción del racismo y el sexismo. No hay manera de superar radicalmente el racismo o el sexismo sin superar radicalmente el capitalismo.

**Palabras clave:** Carolina María de Jesús; Enseñanza de las ciencias; Epistemicidio.

## Introdução

À luz do conceito de epistemicídio, o presente estudo explora as potencialidades da obra literária “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (Jesus, 2014), para um Ensino de Ciências antirracista, antissexista e anticapitalista.

Tal estudo se faz urgente e necessário uma vez que, como fruto dos processos históricos que envolvem o racismo, o sexismo e o próprio metabolismo do Capital, embora a obra literária que enfocamos neste trabalho tenha sido traduzida para, pelo menos 13 línguas distintas, no Brasil, essa autora, e suas obras, são praticamente desconhecidas da academia e totalmente desconhecidas do currículo oficial da Educação Básica.

Esse paradoxo pode ser, de forma breve, percebido como uma expressão fenomênica do epistemicídio produzido historicamente contra mulheres negras. Com efeito, no Brasil, o povo negro, após a abolição formal da escravatura em 1888, passou da condição de povo escravizado para povo apátrida. Segundo Mbembe (2021), nos países colonizados, como é o caso do Brasil, o poder do soberano se manifesta pelo poder de deixar viver e fazer morrer.

Dito de outro modo, “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais” (MBEMBE, 2021, p. 05). Deste modo, a soberania, no contexto dos países que são frutos do colonialismo, é determinada por aqueles que detém o poder de classificar a sociedade em grupos e subgrupos, eleger aqueles que podem viver e ditar aqueles que devem morrer.

Em “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (Jesus, 2014), Carolina Maria de Jesus descreveu seu cotidiano de uma mulher preta, favelada, mãe de dois filhos e uma filha, todos/a menores de 10 anos. Essa mulher, diante do que a vida lhe ofereceu, optou por viver sem marido. Ela encontrava no lixo da cidade de São Paulo o papel e os metais que vendia para poder sobreviver, mas também encontrava no lixo comida, peças de vestuário e calçados que nutriam e revestiam seu corpo e os corpos negros de seus filhos e sua filha.

Com efeito, além dos insumos necessários para a subsistência material do corpo, Carolina encontrava no lixo cadernos com folhas que ainda não haviam sido usadas. Dentro de seu barraco de madeira, na extinta favela do Canindé, Carolina utilizava essas folhas para nutrir sua alma por meio da escrita e se revestir de vida a partir da produção autoral de suas poesias, peças para o circo, composições musicais (sobretudo sambas) e diários. Carolina produzia vida mesmo num contexto de profunda política de morte (MBEMBE, 2021)

“Quarto de Despejo: diário de uma favelada” foi *best seller* na década de 1960, figurando como o livro mais vendido no Brasil por semanas, à frente das obras de seus contemporâneos e contemporâneas como Jorge Amado e Clarice Lispector. Como essa obra narra o dia a dia na favela, para além das questões sociais próprias das contradições do capitalismo e principalmente aquelas que são próprias de quem vive em situação de extrema pobreza, narra também as relações que o povo despejado na favela mantinha com o mundo natural.

No que concerne às potencialidades para o Ensino das Ciências Humanas e Sociais, propiciadas pelo livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, podemos asseverar que essas são bastante evidentes. O mesmo, contudo, não é tão evidente no que se refere ao Ensino das Ciências Naturais o qual lida habitualmente com um conteúdo que é introduzido no currículo de maneira abstrata e descontextualizada.

Segundo Gomes (2020, p. 05) “ainda são incipientes, no campo dos estudos das relações raciais no Brasil, as pesquisas, os projetos e as publicações que problematizem as áreas das Ciências Exatas [Naturais] e das Tecnologias”. Neste sentido, Segundo Gomes (2020, p. 9),

Se as áreas das Humanas e Sociais têm sido espaços acadêmicos nos quais essas discussões encontram – mesmo com resistências – maior espaço de realização, as Exatas [Naturais] e as Tecnológicas não podem se omitir de fazê-lo. Elas se realizam na mesma sociedade desigual, pautada em estruturas de poder classistas, racistas e sexistas. Por isso, também têm um compromisso epistemológico e político de descolonizar e libertar o conhecimento. Se não o fizerem, continuarão presas nas teias da Ciência positivista.

Com efeito, ao assumirmos a premissa de que as Ciências da Natureza devem ser ensinadas na escola a partir da realidade concreta, e não a partir de uma narrativa elitista e profundamente abstrata, então devemos procurar em que medida o livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e sua narrativa ensejam um potencial didático a ser explorado com vistas ao Ensino dessas Ciências.

Obviamente, ao explorar tal obra com vistas à exposição do seu potencial didático para o Ensino de Ciências da Natureza, estamos nos colocando ao lado de um Ensino de Ciências da Natureza Decolonial. Estamos assumindo que é possível mobilizar saberes do campo das Ciências da Natureza junto a estudantes da Educação Básica e do Ensino Superior (em todos os seus níveis e modalidades) a partir da narrativa de uma brasileira, preta, favelada e não somente a partir de homens brancos, membros da elite, europeus, norte-americanos ou cuja nacionalidade é oriunda de qualquer outro país imperialista.

Concebemos ainda que o colonialismo se estende ao Ensino de Ciências no Brasil e que, como desdobramento de um currículo que se ergue sobre as bases de uma sociedade estruturalmente racista, sexista e elitista, é, por consequência, e em última instância, também racista, sexista e elitista. Em face dessas premissas, delineamos como mote deste estudo: apontar potencialidades didáticas para um Ensino de Ciências da Natureza antirracista, antissexista e anticapitalista, a partir da narrativa e Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”.

O que apresentamos aqui é, portanto, um ensaio bibliográfico apoiado nos estudos decoloniais que, num ato político consciente e contra hegemônico, busca suscitar a possibilidade do desenvolvimento de projetos de Ensino de Ciências Naturais que tenham como ponto de partida e ponto de chegada a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus.

### **Epistemicídio, genocídio e dignidade humana**

A palavra de lavra grega *episteme* tomada na acepção de “ciência verdadeira” / “conhecimento verdadeiro” é habitualmente contraposta à acepção de ciência enquanto “algo meramente conjectural” / “conhecimento meramente conjectural e incerto”, acepção última essa atribuída à palavra *doxa*, também grega.

Ao longo dos tempos, contudo, o significado de *episteme* vem se ampliando por autores diversificados dando lugar a uma polissemia de tal maneira a abranger os diversos saberes humanos. Se adotarmos *episteme* como saber *lato sensu* e não apenas como saber *stricto sensu* no sentido de conhecimento científico, então o epistemicídio pode ser concebido, grosso modo, como resultante de quaisquer apagamentos/silenciamentos/omissões deliberadas de culturas e/ou saberes de povos que foram subjugados em processos coloniais/neocoloniais, perpetrados por nações imperialistas.

Nesta acepção, epistemicídio significa “assassinato de saberes”, o que decorre de uma violência social, histórica e culturalmente constituída. Grosfoguel (2016) associou epistemicídios a genocídios e os conectou com a estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas atuais ao mostrar a violência do processo de apagamento/silenciamento/omissões de saberes ao longo do ampliado século XVI e como isso é veiculado nas narrativas universitárias hegemônicas. Em um contexto das relações étnico-raciais na Universidade Federal de Alagoas, Santos et al. (2021) trouxeram à baila uma discussão na qual lançaram mão desse conceito de epistemicídio.

Losurdo (1999) analisou com maestria uma crítica bem fundamentada às “inversões de culpabilidade” e/ou às “transferências de culpabilidade” propagadas pelos colonizadores, fazendo dos/das colonizados/as, ao invés de vítimas de infames crueldades por eles/elas sofridas, algozes de si próprios considerando-os/as culpados/as por suas próprias desgraças. Essa inversão, no fundo, funcionaria como um artifício para inocentar, precisamente, aqueles que perpetraram ações hediondas e barbaridades horripilantes contra grupos étnicos.

No caso do Brasil, e em vista da análise que foca a nossa atenção para o livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus (Jesus, 2014), diríamos que os horrores de três séculos e meio de escravidão e de um colonialismo com traços com requintes de crueldade, nos levam a defender um referencial teórico que foca a necessidade de um engajamento teórico que também lance mão de abordagens decoloniais. Nesse sentido, Caio Prado Jr. (2011) argumentou que o passado que deve ser superado no Brasil não é um suposto passado feudal que o Brasil nunca viveu e sim que devemos envidar nossos esforços para superar um passado colonial que ainda nos oprime.

A título de reflexão sobre a questão da dignidade humana, tomemos como ponto de partida os seguintes excertos de “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”:

15 de maio – [...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (Jesus, 2014, p. 32)

19 de maio – [...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sítim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (Jesus, 2014, p. 37)

A analogia que Carolina estabelece entre as partes mais nobres e menos nobres dos espaços nos permite um vislumbre de sua compreensão sobre como a arquitetura da cidade reflete o racismo que estrutura essa sociedade (Almeida, 2020). Trata-se de uma limitação gravíssima ao espírito humano o que reflete uma violência mais do que simplesmente simbólica na medida em que, se constitui numa violência que afeta severamente os direitos humanos, que se fundamentam na dignidade (dignidade como alto e inalienável valor não sujeito a trocas pecuniárias de quaisquer tipos na medida que tem valor intrínseco e inerente).

Neste sentido poderíamos citar um autor racionalista importante como Pascal (não necessariamente um autor que poderia ser considerado como decolonial), mas que defendeu que “a dignidade humana reside no pensamento” que pode abarcar a tudo e a todos, inclusive o

próprio universo (PASCAL, 1988)<sup>1,2</sup>. Na mesma linha argumentativa, é possível apontar que, quando, já na primeira frase do “Discurso do Método”, Descartes (1596-1650) se refere ao bom senso como algo igualmente compartilhado<sup>3</sup> por todos, faz-se necessário perguntar a propósito, a qual universo de pessoas ele atribui esse compartilhamento: a todas as pessoas sem exceção, ou apenas a um grupo das pessoas assim considerados como iguais que possam merecer o exercício da faculdade de pensar e de refletir?

Analogamente, o mesmo pode ser perguntado no que concerne aos pensamentos de racionalistas como Pascal (1623-1662) quando atribui ao pensamento o mais alto valor representado pela “dignidade humana” (Pascal, 1988) e a Kant (1724-1804) quando se refere à “autonomia do pensamento”<sup>4</sup>. Para as pessoas engajadas no contexto do pensamento ambiental, essa dignidade conhece uma espécie de dissolução desse antropocentrismo ao ser reconhecida e ampliada para todos os seres que compõem a biodiversidade, inclusive os meios de sustentação da vida que garantam a sobrevivência desses seres bióticos e abióticos. A propósito remetemos para Dias Alves e Bastos Filho (2012)<sup>5</sup>.

Argumentamos aqui, em prol da necessidade iminente dessa importante crítica ser enriquecida também, e talvez mesmo principalmente, sob uma lógica anticolonial, antissexista, antirracista e anticapitalista uma vez que, tal como temos argumentado, o capitalismo carrega no seu bojo as dimensões coloniais, sexistas e racistas. Insistimos também que se trata de uma necessidade iminente na medida em que um programa de superação de injustiças históricas e estruturais é sempre urgente. Exatamente neste ponto é que se insere a importância de trazer à baila a obra de Carolina Maria de Jesus e também de seu estudo no contexto de um Ensino de Ciências Naturais concebido sob essa nova, necessária e – convém insistir – iminente ótica.

A fim de ilustrar se esse pressuposto “homem universal” abrangeria toda a “humanidade” no sentido mesmo em que hoje entendemos pelo termo “humanidade” é que trazemos o seguinte e emblemático excerto da carta de Hernan Cortez de 30 de outubro de 1520 ao Imperador Carlos I da Espanha e V da Alemanha:

<sup>1</sup> “O pensamento faz a grandeza do homem” (PASCAL, 1988, Art.VI Pensamento n. 346, p. 123).

<sup>2</sup> “O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota d’água bastam para matá-lo. Mas mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso. **Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento.** Daí é que é preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não poderíamos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar; eis o princípio da moral” (PASCAL, 1988, Art.VI Pensamento n. 347, pp. 123-124; grifos nossos).

<sup>3</sup> “O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o tem” (DESCARTES, 1987, p.29)

<sup>4</sup> “O iluminismo é a emancipação do homem de um estado de tutela que ele impõe a si mesmo [...] da incapacidade de usar a sua própria inteligência sem uma orientação externa. Defino esse estado de tutela como ‘autoimposto’ porque é devido não à falta de inteligência, mas sim à falta de coragem e de determinação para usar a inteligência sem ajuda de um guia. *Sapere Aude!* Tens a coragem de usar a tua inteligência! Este é o grito de batalha do Iluminismo” (KANT *apud* POPPER, 1982, p. 204-205).

<sup>5</sup> Ver, em especial, as notas de rodapé de 14 a 79 deste artigo que expressam citações emblemáticas de racionalistas, ecologistas, ambientalistas, iluministas, bem como de críticos e críticas das promessas do iluminismo.

Antes do amanhecer do dia seguinte tornei a sair com cavalos, peões e índios e queimei dez povoados, onde havia mais de três mil casas. Como trazíamos a bandeira da cruz e lutávamos por nossa fé e por serviços de vossa sacra majestade, em sua real ventura nos deu Deus tanta vitória, posto que matamos muita gente sem que nenhum dos nossos sofresse dano (Cortez, 1996, p.17).

Na denúncia de Frei Bartolomé de las Casas, podemos encontrar um excerto muito expressivo da sangrenta conquista do México que foi na verdade, tanto um genocídio quanto um epistemicídio: “entravam nas vilas, burgos e aldeias não poupavam nem crianças e homens velhos, nem mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e faziam em pedaços” (Bartolomé de Las Casas, 1996, p. 29).

Interessante aqui ressaltar a inversão de causalidade da culpa que aparece no excerto escolhido para expressar o argumento falacioso de Hernan Cortez: ora, a luta pela fé cristã e pelos serviços de sua majestade pareciam justificar qualquer coisa, inclusive o genocídio, pois se culpados houvessem, esses eram justamente as vítimas que nem cristãs eram. Mas não sem razão, alguma indignação houve por parte de Frei Bartolomé de las Casas, que, segundo Losurdo (1999), foi alguém que, diferentemente da historiografia dominante europeia, preferiu fazer uma autocrítica do Ocidente<sup>6</sup> e, portanto, não proceder a inversão de causalidade da culpa.

Se partirmos da ideia de que a humanidade compreende a diversidade humana, e se assumirmos que a dignidade humana reside nos pensamentos singulares de quaisquer pessoas, independentemente de cultura, etnia e sexualidade de cada uma delas, que são evidentemente diversas entre si, então, a partir desta lógica, se impõe que o pensamento existe e é intrínseco a todos os seres humanos, sem exceção. Dentro desta perspectiva, é preciso reconhecer que uma mulher, negra, favelada, como Carolina Maria de Jesus é também um ser pensante e, por conseguinte, deveria ter assegurada sua dignidade humana a qual reside na potência de seu pensamento, capaz de abarcar a tudo e a todos/as, inclusive o próprio universo.

Contudo, ao longo do movimento histórico, sobretudo a partir do contexto da Modernidade, pessoas negras, e principalmente as mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, têm sido expropriadas da potência de seu pensamento e, por conseguinte, de sua condição humana. Tal expropriação, “se deu” / “se dá”, inclusive no campo da produção do conhecimento e nos espaços de produção e socialização do conhecimento.

<sup>6</sup> O próprio conceito de Ocidente da corrente dominante eurocêntrica bem como o conceito de Sul à luz dessa mesma concepção, não são conceitos geográficos e sim geopolíticos.



## Racismo científico, epistemicídio antinegro e a obra de Carolina Maria de Jesus

Benite, Camargo e Araújo (2020, p. 13), sustentam que “o processo de colonização, deflagrado pela Europa no contexto da Modernidade, esteve alicerçado em teorias pseudocientíficas racistas [pesquisas em antropometria, evolucionismo e darwinismo sociais]”. Foram essas teorias que legitimaram, cientificamente, os processos de captura, sequestro, escravização, tráfico transatlântico e comercialização dos corpos negros do povo africano. É a partir da Modernidade que “a Europa colonizadora passa a naturalizar a escravidão de populações negras que seriam, nessa ótica, ignorantes, povos selvagens, sem o deus da Igreja e, portanto, passíveis da subserviência aos homens brancos” (Benite; Camargo; Araújo, 2020, p. 13).

A supremacia do colonizador instituiu como única verdade o conhecimento ocidental ou aquele passivo de ser ocidentalizado. Nesta direção é preciso reconhecer que o Ocidente não é uma fatia do globo determinada por sua posição geográfica na cartografia do mapa *mundi*. Segundo Pinheiro (2021, p. 52), no contexto dos países que foram colonizados, sobretudo no caso da América do Sul, América Central e México, “por mais que nos sintamos parte do Ocidente [...], não fazemos parte deste. [...] Somos ‘derivados de’”. O mesmo se pode dizer do continente Africano. Deste modo, “o Ocidente tem suas bases nas civilizações greco-romanas e coloca sobre elas o acento ontológico de todas as coisas. Ele se auto circunscreve, estabelece a noção do outro (o Oriente) e impõe o seu desconhecimento” (Pinheiro, 2021, p. 52). Na Modernidade e na Contemporaneidade, o Ocidente é, portanto, o espaço geopolítico de projeção do poder capitalista em cuja gênese está a Europa Central.

Deste modo a Europa não só é, como funda “uma noção universal humana que é balizada tomando como referente o europeu, de forma que por mais que tenhamos evidências científicas arqueológicas do não surgimento da humanidade na Europa a chamamos de ‘velho mundo’” (Pinheiro, 2021, p. 52). Camargo e Benite (2020, p. 22) afirmam que:

Embora ainda haja incertezas sobre o exato momento do surgimento do ser humano na linha do tempo dos seres vivos, existem evidências suficientes para afirmarmos que os mais antigos ancestrais nossos surgiram na África e eram melanodérmicos. O surgimento de outros grupos raciais se deu por adaptação e seleção natural mediante as geografias e climas experimentados pelo *Homo sapiens* quando sai do Continente Africano para povoar outras terras.

O reconhecimento e a legitimação dos *lócus* de projeção do poder capitalista no mundo, como lugares de pessoas civilizadas e dos demais espaços do globo como lugares de pessoas menos civilizadas ou primitivas, é resultado de um processo de racialização e de inferiorização dos povos, portanto, resultado de um racismo que estrutura as relações sociais desde a

Modernidade até a Contemporaneidade. Com efeito, segundo Camargo e Benite (2020, p. 20-21, grifo nosso),

Não é plausível falar historicamente do racismo como uma herança contemporânea, tendo sua invenção e consolidação apenas na e da Europa do século XVI até os dias atuais. Nem tampouco, falarmos da inexistência deste racismo uma vez que se originaria de raças biológicas que, deliberadamente, foram descartadas pela biologia. O racismo tem suas origens antes mesmo da Idade Antiga sendo, **prototipicamente**, vivenciado pelo ser humano.

Esse proto-racismo pode ser considerado “um fenômeno experimentado social e culturalmente regulado pelo fenótipo que inicialmente caracterizou os grupos raciais e, posteriormente, desencadeou os processos de segregação racial” (Camargo; Benite, 2020, p. 21).

Ao longo da história da evolução humana, seus diferentes fenótipos, bem como os conflitos entre grupos que não reconheciam o outro como seu semelhante, em nada se aproximam da lógica racista que se instaura a partir da narrativa de uma Ciência universal de base greco-romana e, conseqüentemente, eurocêntrica. No contexto da Antiguidade, “diante dos avanços imperialistas, aqueles que perdiam as batalhas e as guerras tornavam-se escravizados” (Camargo; Benite, 2020, p. 23). Não é o caso do processo de escravização em massa desencadeado pelo colonialismo europeu, deflagrado contra os povos africanos e contra os povos originários das Américas ao longo dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX.

Os reflexos da diáspora africana e dos genocídios dos povos negros e dos povos originários das Américas, frutos dos processos de colonização, podem ser vistos e sentidos com bastante clareza nos dias atuais, ao observarmos os fenótipos e os gêneros daqueles que, de forma hegemônica, ocupam os espaços de poder, inclusive os espaços de produção do conhecimento científico.

O racismo e o sexismo interferem, até mesmo, na forma como a cidade funciona. Interferem nas possibilidades de ocupação dos postos de trabalho, nas relações de trabalho, nas possibilidades de acesso e permanência na escola e na universidade, nas formas como as pessoas se relacionam afetivamente, nos currículos escolares, nos teóricos e nas teorias que serão exploradas no Ensino de Ciências, no que se concebe como uma narrativa científica ou potencialmente científica, bem como em todas as relações erigidas nesta sociedade.

Acerca de como o racismo, bem como o sexismo, se apresentam nos currículos escolares e universitários, Ribeiro (2020, p. 63) nos provoca com as seguintes indagações: “quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que, cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram?”

Imaginemos uma situação didática na qual pedimos a uma criança brasileira (ou mesmo a um/a adolescente, ou adulto/a) que desenhe e pinte como eles/elas imaginam que seja “a pessoa” que descobriu, por exemplo, a vacina para a COVID-19. Estudos como os de Silva, Silva e Lima (2021) evidenciam que, a possibilidade de os desenhos retornarem com representações de mulheres negras, tende a zero.

A representação do Cientista como um homem branco é forjada dentro da lógica de uma sociedade estruturalmente racista e sexista. No contexto brasileiro, além dessa consciência ser forjada no amálgama do racismo e do sexismo, ela também é forjada dentro de uma ideologia e uma agência colonialista que arremessa mulheres e pessoas racializadas aos estratos mais baixos da pirâmide socioeconômica. Dificilmente a imagem retratada para o/a inventor/a da vacina da COVID-19 seria a de um homem negro. Contudo, segundo Pinheiro (2021), a vacina contra a COVID-19, produzida pela Pfizer, foi desenvolvida por um grupo de trabalho liderado pelo Dr. Onyema Ogbuangu que é um médico nigeriano e negro.

Essa impossibilidade de enxergar nos corpos negros potências intelectuais é reflexo de um Ensino de Ciências colonial, racista, sexista e elitista. Em suma, as Ciências que ensinamos na escola são a-históricas e descontextualizadas (Benite; Camargo; Amauro, 2020)

O conceito de “raça”, como um conceito científico, surge nas Ciências da Natureza, a partir do século XVI, inicialmente “com Carl Von Linné (1707-1778), [...] para classificar variedades de animais e vegetais” (CAMARGO; BENITE, 2020, p 25). Contudo, ao final do século XVII esse conceito passa a ser utilizado pelo campo das Ciências da Natureza, através de François Bernier para designar diferentes agrupamentos “de seres humanos com traços físicos comuns” (Camargo; Benite, 2020, p 25).

Essa transposição do conceito de raça, da classificação de plantas e animais, para a classificação de seres humanos, foi o gatilho para o desenvolvimento do racismo científico que até hoje impera nos espaços de produção do conhecimento, inclusive impedindo que pesquisas como essa venham à tona uma vez que são comumente classificadas pelas lentes eurocêntricas binárias como esforços militantes e não esforços genuinamente científicos.

Em nossa concepção, as condições às quais o povo negro brasileiro tem sido historicamente relegado, desde a transição do modo de produção escravista para o modo de produção capitalista, não poderiam ter sido melhor descritas do que nas palavras de Carolina Maria de Jesus em sua primeira obra publicada “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (Jesus, 2014).

Com efeito, se assumimos que as Ciências da Natureza explicam, ou tentam explicar, os fenômenos do mundo natural, e também assumimos que esta obra de Carolina Maria de Jesus

descreve a realidade cotidiana de uma mulher preta na favela, então devemos assumir que a narrativa desta autora também descreve fenômenos próprios do mundo natural e que podem servir como ponto de partida e ponto de chegada para projetos de Ensino de Ciências. Além disso, se o movimento for recursivo, ou seja, se esta obra, contextualizada em sua autoria e na história de vida de sua autora, servir tanto como ponto de partida, quanto como ponto de chegada e culminância dos projetos, então estamos falando de um Ensino de Ciências decolonial.

Na obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, a maior e mais longa luta de Carolina é contra a fome. Ora ela vence a batalha, ora era vencida. Enquanto mulher negra, mãe solteira de três crianças com menos de 10 anos de idade (Vera Eunice, João José e José Carlos), com pouca instrução formal (só cursou dois anos numa escola do município onde nasceu – Sacramento-MG), tendo de sobreviver catando metais e papel nas ruas de São Paulo, foi, em suas próprias palavras, jogada, como um objeto sem valor no quarto de despejo da cidade.

Ao morar na favela, Carolina se sentia coisificada (um objeto velho e sem uso) e bestializada (por vezes se iguala a porcos, corvos e outros animais que vivem no/do lixo), como pode ser evidenciado nos excertos abaixo:

17 de maio – [...] Chegou um caminhão~ aqui na favela. O motorista, e o seu ajudante jogam umas latas. E língua enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. (Jesus, 2014, p. 34)

19 de maio – [...] quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (Jesus, 2014, p. 37)

19 de maio - [...] Havia pessoas que nos visitava e dizia: - Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. (Jesus, 2014, p. 30).

O que se observa é que a dignidade humana de Carolina lhe era negada a ponto do injusto sistema representado pelo *status quo* vigente lhe constranger, explícita e implicitamente, a fazê-la acreditar que ela não seria merecedora de apreciar e gozar da beleza daquele lugar, situação que infelizmente persiste até hoje, mais de 70 anos após a publicação da obra.

Deste modo, os lugares belos das cidades não são acessíveis a pessoas negras como Carolina que ao frequentá-los, sofrem constrangimentos que afetam negativamente sua dignidade humana, e por extensão, a dignidade humana de todas e todos, independentemente de suas especificidades. A essas, são destinados mais de 200 mil “quartos de despejo” distribuídos mundo afora, como apontou Mike Davis em seu clássico “Planeta Favela” (Davis, 2015). Como a primeira edição deste livro é de 2006, dado o aprofundamento das crises do

capitalismo, é preciso reconhecer que esse número está defasado e subestimado; contudo, tal informação nos dá dimensão do volume de pessoas vivendo em moradias indignas de sua condição humana, moradias que lhes coisificam e lhes animalizam.

Como bem descreveu Carolina Maria de Jesus, nestas condições de moradia, vive-se cotidianamente com a presença do consumo abusivo de álcool e outras drogas, abordagens policiais truculentas, suicídio, assassinato, tentativas de suicídio, tentativas de assassinato, violência simbólica e física doméstica, violência simbólica e física entre vizinhos/as, fome, desespero, desesperança, falta de saneamento básico, falta de atenção básica à saúde, falta de condições de acesso e permanência à educação, enfim, parafraseando o filósofo camaronês Achille Mbembe (2021), os “quartos de despejo”, enquanto análogos dos campos de concentração nazistas, são a expressão máxima de um Estado racista, assassino e suicidário.

Tudo isso faz com que pessoas faveladas sejam empurradas não só para a marginalidade geográfica dos espaços do globo assujeitados à projeção de poder dos países imperialistas, mas para que sejam estereotipadas de modo a legitimar socialmente abordagens policiais truculentas, torturas, invasão de suas residências pela mão armada do Estado, encarceramento pelo Estado formal ou mortas pelas balas perdidas que sempre encontram um corpo negro favelado para alvejar. A imagem estereotipada do homem negro e da mulher negra é a imagem hipersexualizada de potenciais (ou atuais) criminosos/as. As favelas são povoadas pelos povos racializados e, por isso, não se pode dizer que, para esse povo, o Estado virou as costas, mas que o Estado, para esse povo, mostra, cotidianamente, sua essência racista e sexista.

Ratificamos assim que, “o racismo [e o sexismo] não poderia[m] se reproduzir se, ao mesmo tempo, não alimentasse[m] e fosse[m] também alimentado[s] pelas estruturas estatais. É por meio do Estado que a classificação de pessoas e a divisão dos indivíduos em classes e grupos é realizada” (Almeida, 2020, p. 87). Segundo Gomes (2020, p. 05),

A produção emancipatória e antirracista do conhecimento e da Ciência no campo das Ciências Exatas [Naturais] e Tecnológicas é urgente. Fazer dialogar com a realidade social, cultural e racial brasileira com os instrumentais desses campos científicos revelará o quanto estes podem e devem ser um meio para melhor compreensão do humano, das estruturas sociais e de poder. É a construção de uma postura epistemológica e política capaz de articular - de forma dialógica, transdisciplinar e conjunta-as Exatas, [as Naturais], as Tecnológicas e as Humanidades e, assim, rompermos com dicotomias e separações históricas construídas e inventadas pelas relações de poder inerentes à Ciência, as quais são historicamente indagadas pela vida social. O acontecer humano não se faz em caixinhas e nem em campos separados do conhecimento. Ele se faz na complexidade e entrelaçamento da vida.

Neste sentido, é preciso reconhecer que, em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, há uma potência pedagógica para o desenvolvimento de abordagens decoloniais

tanto para o campo das Ciências Humanas, quanto para os campos das Ciências da Natureza, Exatas e Tecnológicas. Nenhuma delas é neutra, ou livre do racismo e do sexismo. Enquanto constructos humanos, as Ciências da Natureza, e as Exatas e Tecnológicas, também se erguem dos pilares racistas e sexistas desta sociedade.

Deste modo, é imprescindível que envidemos esforços para que obras como as de Carolina Maria de Jesus, sejam o ponto de partida e o ponto de chegada de abordagens didáticas também no Ensino de Ciências Naturais. Cremos que essa seja uma boa estratégia para a produção de pensamentos decoloniais desde os anos iniciais até os últimos níveis do Ensino Formal.

### **Carolina de Jesus e um Ensino de Ciências da Natureza Decolonial**

Ao explorar a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus (JESUS, 2014), é possível identificar vários temas que dizem respeito ao campo do Ensino de Ciências da Natureza. A problematização desses temas, pode favorecer a emergência de projetos didáticos ou a elaboração de problemas que podem ser investigados em contextos de ensino formal, não-formal ou informal (Paz; Melo; Silva, 2024; Braga, Silva; Medeiros Neto, 2024).

Para evidenciar esse potencial didático, apresentamos alguns temas de Ciências da Natureza, contidos e abordados na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus (Jesus, 2014), que podem contribuir para o desenvolvimento de projetos decoloniais de Ensino de Ciências da Natureza: poluição fluvial do Rio Tietê; a fome, a origem do fenótipo negro; raça enquanto conceito biológico; condições sanitárias; sexualidade na infância, na adolescência e na fase adulta; doenças mais concentradas nas populações pobres; isolamento acústico; pressão e objetos perfurocortantes; gravidez na infância e na adolescência; química dos cosméticos; princípios físicos do funcionamento do Rádio; efeitos do consumo abusivo de álcool no corpo; dependência química; fortificação de construções e alvenaria; envenenamento; salivação; a importância da higiene; o acesso à saúde no Brasil; coleta seletiva; medicina alternativa, automedicação; coloração e descoloração de roupas; consequências da (não)higienização dos alimentos; felicidade e as sinapses cerebrais; consumo de produtos enlatados, prazo de validade, latas amassadas ou estufadas; inversão térmica; reações físicas do corpo humano ao frio; Esquistossomose; Tuberculose; combustão do lixo; gordura e a cocção dos alimentos; princípios de funcionamento do carro, do bonde e do ônibus; evolução dos pernilongos (insetos); evolução dos ratos, gatos e porcos (mamíferos); a relação entre o clima

e o consumo de alimentos; identificação visual de estrelas e planetas; condutibilidade elétrica em diferentes materiais; sapatos e sua importância biológica; processos de produção da aguardente; espécies de seres vivos que não dependem de meios externos para regular a temperatura corporal e espécies que dependem da temperatura do meio para regular sua temperatura corporal; captação de odores e a reação do corpo a esses odores; riscos de comer comida do lixo; esterilização humana; produção de sabão; riscos do contato ou da ingestão com a soda cáustica; sono e distúrbios do sono; envelhecimento e endurecimento do pão ao longo do tempo; o reino *fungi* e o bolor do pão; explicação física para o fenômeno do arco-íris; parto e parteiras; fossas sépticas e a poluição fluvial; ascaridíase; alergias; explicações físicas para os princípios de funcionamento da captação de imagens por meio de fotografias; reprodução tipográfica; ser pai/mãe e ser genitor/genitora; roupas, biologia e cultura; estados físicos da matéria, o fogo, as bolhas e a espuma; a importância de “esquentar” (ferver) a comida antes de comer; princípios de funcionamento de um fogão a lenha; úlceras; antibióticos; equilíbrio físico, força de atrito, tensão de cisalhamento e as 3 leis de Newton no ato de buscar tábuas numa carrocinha; vida; morte; decomposição do corpo humano; água potável; umidade do ambiente; cultivo de alho e outros insumos alimentícios; aborto; amamentação; anestesia; Tétano; princípios de funcionamento de um elevador; pulgas e a transmissão de doenças; cárie; a biofísica do transporte de 30kg, 50kg ou 100kg de metais na cabeça de um ponto A a um ponto B; envelhecimento de alimentos e mudança de gosto (fermentação, colonização por bactérias, etc.); produção de salsichas; produção de querosene; extração de óleo vegetal; produção de tinta de caneta; a Física envolvida na busca de um guarda-roupas velho e um colchão com um carrinho de mão num terreno enlameado; infecções sexualmente transmissíveis; a TV de tubo de raios catódicos e o consumo de energia elétrica; leptospirose, orientação sexual; vômito; o papel da bÍlis no corpo humano e suas relações com vômitos e diarreias; reciclagem; funções o açúcar e da gordura no corpo humano; o corpo do porco e suas propriedades para o corpo humano (implante de válvula cardíaca); conservação de alimentos sem geladeira; princípios de funcionamento de uma geladeira; ortotanásia, eutanásia e suicídio assistido; princípios de funcionamento de um balão de São João; princípios de funcionamento do ferro a brasa; alimentação dos morcegos; corrente elétrica, vida e morte de seres humanos; relações entre nutrição e perda da visão; balística a partir da quebra de uma janela por uma pedra arremessada de um estilingue.

Esses são alguns possíveis temas para projetos de Ensino de Ciências, emergentes da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. Ao partir da narrativa produzida por essa autora e tratar desses temas partindo de uma visão realista, para

usar termos de Carolina, é possível abordar temas de Ciências da Natureza, tanto para o contexto da Educação Básica, quanto no contexto do Ensino Superior, dentro de uma perspectiva decolonial.

Com efeito, os temas, retirados do contexto da obra e analisados a partir de obras e visões colonizadas/colonizadoras, tergiversa do que estamos aqui defendendo. Os temas elencados acima, são, indiscutivelmente, caros ao Ensino de Ciências Naturais. Também é verdade que esses são temas presentes na obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. Cremos, que também há um consenso de que esses temas podem ser geratrizes de projetos de Ensino de Ciências no contexto, tanto da Educação Básica, quanto do Ensino Superior.

Contudo, se o único papel da obra de Carolina de Jesus for o de indicar o ponto de partida do projeto, as narrativas coloniais tendem a assumir o papel de meio através do qual o projeto será desenvolvido, os saberes que serão mobilizados também serão aqueles que falam em defesa dos interesses imperialistas e as respostas que serão geradas estão em sintonia com o racismo, o sexismo e os interesses do grande Capital. O ponto de chegada, então, será a reprodução de um saber colonizado.

Para que isso não aconteça, é altamente recomendável que a obra de Carolina Maria de Jesus seja o ponto de partida, que o contexto no qual o tema de Ciências Naturais emergiu seja sempre problematizado e que o ponto de chegada seja o confronto dos saberes coloniais (hegemônicos no currículo oficial) e a narrativa realista da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Assim, no contexto do Ensino de Ciências da Natureza decolonial aqui proposto, Carolina é ponto de partida, meio e ponto de chegada.

Essa abordagem, contudo, não pode desconsiderar que a obra foi produzida por uma mulher, brasileira, negra, favelada, mãe solo de dois filhos e uma filha, escritora, poetisa, compositora musical, dramaturga, mas que teve de resistir por um bom tempo de sua vida à margem da sociedade, num “Quarto de Despejo”, sobrevivendo da coleta e venda de papelão e metais, catando comida do lixo para poder nutrir, minimamente, seu corpo material, e catando cadernos velhos jogados no lixo, para poder nutrir sua alma e sua dignidade humana com a potência de seu pensamento crítico e de sua escrita catártica.

Que Carolina Maria de Jesus seja sempre lembrada como uma mulher negra resistente, de uma potência intelectual sem paralelos. Que sua obra possa ser (re)lida com vistas à descolonização do currículo brasileiro e para que nós, povo brasileiro, da classe trabalhadora, possamos nos reconhecer nos materiais didáticos que utilizamos, tanto nas escolas, quanto nas universidades.

## Considerações finais

Evidencia-se que, tanto o racismo, quanto o sexismo, enquanto elementos estruturais da sociedade capitalista, se manifestam de diversas formas, desde as mais sutis às mais escrachadas como é o caso do enegrecimento das favelas, das casas de custódia e das regiões mais periféricas da cidade. Não se pode desconsiderar que, em meio à terceira década do século XXI, pouco mais de 130 anos após a abolição formal da escravatura no Brasil, estamos vivenciando neste país, profundas dificuldades de luta antirracista.

Não é à toa que, embora estejamos situados/as num país de maioria negra, nos livros didáticos de Biologia no Ensino Médio, seja quase impossível visualizar imagens de corpos negros. Não é à toa que seja quase impossível encontrar um livro didático de Física do Ensino Superior no qual uma das autoras seja uma mulher negra. Não é à toa que este mesmo fenômeno se apresente nos livros de Química, Matemática e das Engenharias.

Os espaços de produção e socialização do conhecimento, mesmo num país de maioria negra, estão colonizados por corpos brancos e, sobretudo, de homens brancos. Por vezes, esses homens brancos nem brasileiros são. Comumente são autores que falam da realidade dos países imperialistas e cujas narrativas estão em consonância com os interesses desses países e não necessariamente em consonância com os interesses daqueles e daquelas que defendem uma sociedade emancipada.

A ausência de autores e principalmente de autoras negras evocadas no campo do Ensino de Ciências é sintomático de uma sociedade racista, assassina e suicidária. Ao que parece não foi o bastante produzir e continuar produzindo o genocídio dos povos racializados, sobretudo os povos negros e os povos originários das Américas. Aos interesses colonialistas dos países imperialistas, quando não é possível ocidentalizar, é necessário produzir, sistematicamente, o assassinato dos saberes desses povos. Aniquilar os corpos e o espírito dos povos racializados é uma estratégia do necropoder daqueles que são soberanos na sociedade capitalista.

O que observamos é que o racismo e o sexismo não são patologias sociais ou desvios de comportamento individuais. São ideologias estruturantes e estruturadas, a partir da modernidade, no contexto ocidental, no modo de produção capitalista. Deste modo, a reprodução do capitalismo necessita da reprodução do racismo e do sexismo. Não há como superar radicalmente o racismo ou o sexismo sem que se supere radicalmente o capitalismo.

Assim, o desafio é o de produzir investigações em cujos processos e/ou produtos ensejem lutas contra o racismo, o sexismo e, conseqüentemente, a manutenção das desigualdades próprias do modo de produção capitalista. Em suma, o desafio desta proposta é

produzir apontamentos teórico-metodológicos que nos direcionem para uma sociedade igualitária a partir de suas contribuições pela via do Ensino de Ciências Naturais.

### Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BARTOLOMÉ DE LAS CASAS, F. **O paraíso destruído**: a sangrenta história da conquista da América espanhola. Porto Alegre: L&PM Editores, 1996.

CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; BENITE, Anna Maria Canavarro. Cartografias do racismo e resistência: um breve levantamento histórico. In: BENITE, Anna Maria Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintano. (orgs). **Trajetórias de descolonização da escola**: o enfrentamento do racismo no ensino de ciências e tecnologias. Belo Horizonte: Nandyala, 2020. p. 13-19.

BENITE, Anna Maria Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintano. Introdução. In: BENITE, Anna Maria Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintano. (orgs). **Trajetórias de descolonização da escola**: o enfrentamento do racismo no ensino de ciências e tecnologias. Belo Horizonte: Nandyala, 2020. p. 13-19.

BRAGA, Ana Paula Fonseca; SILVA, Ivanderson Pereira da; MEDEIROS NETO, Raimundo Alves. Literatura Negra na Escola: possibilidades para pensar gênero, raça e classe no ensino de ciências. **Revista Ensino em Debate**, v. 2, p. e2024004-e2024004, 2024. Disponível em: <https://revistarede.ifce.edu.br/ojs/index.php/rede/article/view/16> Acesso em: 23 de fev. de 2024.

CORTEZ, Hernan, **O Fim de Montezuma (Relatos da Conquista do México)**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. In: Coleção *Os Pensadores*, v. Descartes-I, 4ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1987 [originalmente publicado em francês em 1637].

DIAS ALVES, Karina; BASTOS FILHO, Jenner Barretto, Sobre as Relações Homem-Natureza a partir da Desconstrução de Margulis de um Ponto de Vista de Popper. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 7, n.1, p.71-101, 2012 Disponível em: [https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo\\_ID177/v7\\_n1\\_a2012.pdf](https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID177/v7_n1_a2012.pdf) Acesso em: 17 de mai. de 2022.

GOMES, Nilma Lino. Prefácio. In.: BENITE, Anna Maria Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintano. (orgs). **Trajetórias de descolonização da escola**: o enfrentamento do racismo no ensino de ciências e tecnologias. Belo Horizonte: Nandyala, 2020. p. 5-9.

GROSGOUEL, Ramón. A Estrutura do Conhecimento nas Universidades Ocidentalizadas: Racismo/Sexismo Epistêmico e os quatro grandes Genocídios/Epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf> Acesso em: 23 de fev de 2024.

JESUS, Carolina Maria, **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**, São Paulo: Editora Ática, 10ª edição, 2014.

LOSURDO, Domenico. Consciência de si, falsa consciência, autocrítica do Ocidente. In: **O Patrimônio Espiritual da Europa**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999. [Publicação do Instituto Italiano per gli Studi Filosofici, Nápoles, Itália].

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 9ª reimpressão. São Paulo: Editora n-1, 2021.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. In Coleção *Os Pensadores*, v, Pascal, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PAZ, Leila Kely dos Santos da; MELO, Charlline Vladia Silva de; SILVA, Ivanderson Pereira da Possibilidades de abordagem de Carolina Maria de Jesus em cursos de Formação Inicial de Professores/as. **Revista Diálogo Educacional**, v. 23, n. 79, p. 1409-1428, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/30423> Acesso em: 23 de fev. de 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

POPPER, K. R. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Julia Claudia dos; et al. A Questão Étnico-Racial nas Licenciaturas da Universidade Federal de Alagoas dentro da Sociedade Atual. **Revista Panorâmica (UFMT)**, v. 34, Set/Dez, 2021, p. 86-111. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1394> Acesso em: 17 de mai. de 2022.

SILVA, Suzi Alves; SILVA, Shirley Henrique; LIMA, Elaine Cristina dos Santos. Análise da experiência do projeto “Afrobetizando na terra de Zumbi dos Palmares”. **Revista Panorâmica (UFMT)**, v. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/download/1326/19192484> Acesso em: 17 de mai. de 2022.